

ACONTECEU QUALQUER COISA²

Quando, muito lentamente, o longo cortejo que acompanhava o corpo da mulher do Primeiro-Ministro se dirigia da Igreja da Luz ao Alto de S. João, dei comigo a pensar que para toda a gente, de diferentes idades e condições sociais, que silenciosamente o via passar, tinha acontecido qualquer coisa. Outros sinais confirmaram nesses dias que de facto alguma coisa tinha acontecido: desde a presença comovida de todos os que venceram barreiras políticas para fazer um gesto, até aos que no seu trabalho, na sua casa, experimentaram uma profunda empatia por quem nem sequer conheciam pessoalmente.

Vem de longe a minha convicção de que um povo se reforça enquanto povo à volta de acontecimentos. Isso pode significar, em momentos especiais, experimentar uma unidade que supera momentaneamente todas divisões, comungar num mesmo sentimento, exprimir uma fraternidade que a luta quotidiana quase sempre esbate. Não é indiferente que, no acontecimento da última semana, esse sentimento de um mesmo povo tenha sido contido, reservado, cheio de pudor. Não foi só para corresponder a um desejo claramente expresso por quem tinha esse direito. Foi também a percepção colectiva de que há um tom para cada coisa, para cada acontecimento.

As preocupações de um quotidiano muitas vezes difícil, as ocupações que a acumulação de responsabilidades exige de cada um, os tempos insignificantes de uma vida carregada de actos repetitivos e monótonos erguem um muro defensivo face aos acontecimentos. Apesar de a queixa contra burocracia se torna geral, é no mesmo registo em que ela nasce que se gera também a rotina na vida individual e que a vida se torna também facilmente uma "instituição", i.e., um "não-acontecimento". Com frequência uma noção do dever a duas dimensões liga cada pessoa, de forma fanática, às instituições a que está ligada; e gradualmente, nesse contexto, reforça-se a vida vivida ao ritmo da inatituição: todas as coisas no mesmo lugar, o calendário rígido, sem entorses nem fantasias, o preenchimento do tempo ainda livre pela submissão à inexorável lei de Parkinson, cada coisa, como cada gás, a ocupar todo o espaço disponível.

O ambiente social acentua a impermeabilidade ao acontecimento. A informação sobre os factos fornecida pelos media, de tão fragmentada e fugaz que é, impede que nessa sucessão sem sentido se percebam os acontecimentos. Uma vez referido, um facto rapidamente se esbate, deixando apenas a sensação desconfortável de que se passou ao lado do que realmente importava. Para viver o acontecimento, é preciso estar atento e disponível, é preciso parar, conhecer o acontecimento, torná-lo activamente seu. E descobrir então as formas de reagir ao acontecimento.

É certo que há sempre formas gregárias, impessoais de reagir ao acontecimento. Muitas vezes não é mais do que o contágio de um mimetismo sem alma.

O que é importante no acontecimento é a sua capacidade de mobilização. É pela vivência do acontecimento que um povo descobre a sua identidade e o seu poder. Essa vivência torna visível que na

² Título do livro da psicanalista francesa Marie Moscovici "Il est arrivé quelque chose", Payot, 1991



sociedade não existe só o Estado, com poderes constitucionalmente definidos, nem só o mercado, com as suas leis cegas de consumo e competitividade. Por essa resposta ao acontecimento, o povo deixa de ter um comportamento uniforme de multidão mas diferencia-se ao deixar-se tocar pelo acontecimento, ao ser parte activa e consciente da reacção que o acontecimento provoca.

Se há momentos em que um povo, como um todo, diz a sua palavra, participa, cria, inventa - e os que temos mais de 40 anos vivemo-lo no 25 de Abril como só se vive uma vez durante uma vida inteira - a maior parte dos acontecimentos repercutem-se de formas diversas num povo estruturado em organizações, grupos, associações, movimentos. Através dessas mediações faz-se ouvir directamente a pluralidade das expressões que emergem da resposta aos acontecimentos. Se na sociedade todos puderem reconhecer os acontecimentos, multiplicam-se os grupos organizados e surgem polos diversificados de intervenção. São estas formas de organização de um povo que constituem o que John Rockefeller (III) chamou em 1956 o Terceiro Sector e que, nas últimas três décadas, todos os grupos que procuraram práticas alternativas designaram como o Terceiro Sistema.

Não basta, porém, "pertencer" a uma organização do Terceiro Sistema para que fique assegurada a vitalidade da resposta aos acontecimentos. É necessário que os membros da organização sejam "activos" quanto aos objectivos que se propõem como resposta aos acontecimentos. Mesmo correndo o risco de utilizar uma palavra de que nem todos gostam, afirmo que a sociedade só está viva quando os membros das associações ou grupos são militantes, i.e., são gente permanentemente inquieta e insatisfeita com uma pertença meramente institucional; estão sempre aptos a perceber o acontecimento, a reagir face a ele, a encontrar novos gestos e novas práticas. Não há participação activa onde só há uma ficha preenchida. Não há cidadania onde só há responsabilidade delegada. Uma e outra, para serem autênticas, são necessariamente inventivas e estimulantes, mobilizam-se e mobilizam. Por isso, são elementos fundamentais do tecido social vivo e dinâmico. Por isso podem reivindicar, ao lado do estado e do mercado, a possibilidade de serem "parceiros sociais" - como há anos o venho afirmando, tendo tido ocasião, em momentos esporádicos, de mostrar como o Estado e a sociedade só têm a ganhar com essa parceria.

O povo que somos é capaz de reagir activa e criadoramente aos acontecimentos. Uma vez para os tornar visíveis a todos. Outras vezes para propor alternativas concretas, viáveis. Algumas, raras vezes, para exprimir a sua reverência face ao mistério da vida e da morte e apontar assim para os valores mais sagrados de uma sociedade.

Foi ainda mérito da vida "discreta" de Luisa Guterrez ter tocado, no momento da sua morte, no âmago desses valores últimos que fazem a riqueza de uma sociedade e de ter unido um povo na mesma reacção perante o único acontecimento que não tem alternativa. Sim, aconteceu qualquer coisa - "a insustentável leveza" de uma vida consentida.